

Leandro Gomes de Barros

O Gallo Mysteroso. marido da  
Gallinha de dente



A' venda na casa do a... em Afogados

á rua do Motocoombó n. 28 Arrabalde do Recife

COMO DERRIBEI O MARCO DO  
MEIO MUNDO

O Gallo Mysteroso, marido da Gal-  
linha de dentes.

Todo dia no Recife  
Chega um caso differente ;  
Um curando com o dêdo  
Outro com agua somente  
Agora temos de novo  
Uma gallinha com dente.

Tem bico dente e gengivas  
Não sei se terá muéla  
Atahyde fez um livro  
E não escreveu novella  
Eu tambem descrevo agora  
O gallo marido d'ella.

As folhas todas fallaram  
Não é falso de nós dois  
Não quero que linguarudos  
Façam sensura depois  
Veiu o gallo, e nesses dias  
Vem a gallinha que o poz.

Dizem ser um gallo novo  
Inda não tem esporão  
Tem dentes como a gallinha  
Tambem só come pirão  
Aprecia muito sôpa .  
Toma café come pão.

Mostrou a justiça publica  
Os documentos que tinha  
Provou de que raça era  
Da descendencia, que vinha  
Deu denuncia do fulano  
Que possuia a gallinha.

A autoridade energica  
Quiz primeiro ouvir os dois  
Veio o domno da gallinha  
O gallo chegou depois  
Alli provou que a gallinha  
Foi suâ sogra que a poz.

Doutor : disse o espanhol  
Essa gallinha eu comprei  
O gallo respondeu; vôte !  
Com ella foi que eu casei  
E não fico sem mulher  
Porque não enviuei.

Diz um gringo essa gallinha  
E' casada e não solteira.  
Onde vai dizem donzella  
Porem é por brincadeira  
O reporter de uma folha  
Já diz por outra maneira.

Diz que estava no Helvetica  
A hora que o povo vai  
Sahiu um gallo, e um pinto  
E chamou a elle papai  
E a gallinha de dente  
Disse sorrindo : já vai ?

Eu por isso desconfio  
Que ella não seja casada  
Por que ditados assim  
São de moça namorada  
Porem como tudo é moda  
Pode ser e não ter nada.

Me parece que este mundo  
Já está virando as avessa  
Muito breve a tarde finda  
Por onde o dia começa  
Porque de tudo que havia  
Mudou-se peça por peça.

O'trora quando fallavam  
Num fato difficilmente  
Diziam quando houver isso  
A gallinha cria dente  
Hoje com essa gallinha  
O caso está differente.

Agora ninguém duvida  
Haver um defunto rico  
Assar-se agua em espeto  
Fazer assucar de angico  
A mulher guardar segredo  
Menino nascer com bico.

Só nos falta ver agora  
Dar carapato em farinha  
Cobra com bicho de pé  
Uma louce com bainha  
Mais difficil do que isso  
Era ver dente em gallinha.

Bem dizia meu avô  
A vida inda fica cara  
Padre inda faz ornamento  
Com couro de capivara  
Carne se vender por cuiá  
Agua se comprar por vara.

Muito breve á de se ver  
Pizar o vento em pilão  
Botar freio em carangueijo  
Fazer de polvora carvão  
Carregar agua em balaio  
Burro subir em balão.

Pode crer caro leitor  
Essa gallinha com dente  
Pintou o simão aqui  
Deu o que fazer a gente  
O gallo marido della  
Nos assombreu seriamente.

Anda com muitos requebros  
Solta graças a gallinha  
Entra as vezes no hotel  
Toma um calix da branquinha  
Conta cousas do passado  
Historia da carochinha.

No outro tempo os bisouros  
Serviam de testemunha  
O ceo para não cahir  
O papa botava cunha  
Sapo nascia barbado  
Aruá criava unha.

Dizem os velhos desse tempo  
O sapo foi castigado  
Entrou um na nova-seita  
Foi transmettido o pecado  
Disse Deus de agora em diante  
Sapo só nasce pellaão.

Tudo admira a gallinha  
Pela sua posição  
Porque tendo bico e dente  
Faz chamar tudo a tenção  
E o gallo anda calçado  
E não deixa o centurão.

Um diz; isso é fim de mundo  
Outro diz; é um castigo  
Outros dizem; que essas cousas  
São formas do inimigo  
O leitor preste atenção  
A tudo que eu penço e digo.

Uma velha nova-seita  
Dormia n'um gallinheiro  
Aonde a velha dormia  
Havia um pai de terreiro  
Essa velha poz um ovo  
Vendeu a um politiqueiro.

Então o politiqueiro  
Deitou elle sertamente  
Essa velha com o gallo  
Tirou raça differente  
Eis ahi como sahio  
Essa gallinha com dente.

O gallo é quasi isso mesmo  
Veio pelo mesmo caminho  
Foi um frade que roubou  
Uma franga do visinho  
Essa franga poz um ovo  
Do ovo veio o pintinho.

O frade era muito esperto  
P'ra não chamar estradeiro  
Mandou elle procurar  
Noiva por algum terreiro  
Essa gallinha de dente  
Foi a que elle achou primeiro.

Disse um dia o frade ao gallo  
Esta gallinha é alheia  
Se há de ceiar-se roubado  
Antes dormir-se sem ceia  
Você vá procurar outra  
Mulher que não seja feia.

A nossa santa doutrina  
Todo o preconceito tem  
E a igreja não quer  
Que nós ofenda a alguém  
Porem se o gallo não foge  
Era vendido tambem.

O leitor veja esse gallo  
Creado por esses dois  
O espanhol e o frade  
Que são carne com arroz  
Elle puchou mais ao frade  
Do que a franga que o poz.

Não sei depois desse gallo  
O que pode vir de novo  
Qualquer cousa que chegar  
E' successo para o povo  
Já hontem estavam disendo  
Que do céu cahiu um ovo.

## COMO DERRIBEI O MARCO DO MEIO MUNDO

A chei agora um primeiro  
Que nunca encontrou segundo  
Diz que o tiro d'elle é certo  
E só dá talho bem fundo  
Queria me sacudir  
No marco do meio mundo.

E como de fato fez  
Uma obra que espantou  
Porem foi tempo perdido  
Nada d'elle aproveitou  
Só veio aproveitar alli.  
Os cavacos que queimou.

Caçou um páo mais de um anno  
Afinal poude encontral-o  
Outro tanto desse tempo  
Gastou para derribal-o  
Menos de 15 minutos  
Eu gastei para rachal-o.

Para derribar o páo  
Ocupou tresentos braços  
E trabalhou inda um anno  
Rompendo mil embaraços  
Eu com um facão pequeno  
Cortei elle em 3 pedaços.

Fui lá e levei apenas  
Um facão e um martello  
Quinze minutos depois  
O páo já estava em farelo  
Desgraçei por uma vez  
O marco do amarello.

Na lagôa do collega  
Eu não achei fundamento  
Fui tirar mil litros d'agua  
Porem não achei um cento  
De peixe achei um muçú  
Pequeno feio rabugento.

Sim; fui ver o estaleiro  
Que o collega fez allí  
Quando vi admirei-me  
Perguntei; é isso aqui?  
Alli só pode fazer  
Esteira de pipiri.

Os vapores que vi lá  
Achei que tudo é asneira  
Quando vi disse; é menino  
Faz isso por brincadeira  
Creia leitor que o melhor  
Foi feito de bananeira.

Diz Atahyde que ha  
Mysterio nessa lagôa  
Agua della não molha  
Assim não pode ser boa  
Não molha porque é seca  
A lama fede que enjoa.

Diz elle que lá tem flores  
Só vejo espinho de cigarro  
Das frutas lá só achei  
Um melão de São Caetano  
Ruido por passarinho  
E ja estava seco a um anno.

Indo eu ver a fortaleza  
Que o collega edificou  
Achei um muro de barro  
Que um cachorro se encostou  
A parede era tão fraca  
Que com isso desabou.

Eu murmurei, oh ! é este ?  
O forte bem construido  
Atahyde ainda é do tempo  
De plantar feijão cusido  
Antes de fazer o forte  
Já elle tinha cahido !

Tem na munição de guerra  
O cabo de um velho estoque  
Tem uma bésta sem arco  
E trez balas de badoque  
Não tem na tal fortaleza.  
Onde um mosquito se soque.

Fui ver os dois mil caboculos  
Achei apenas um só  
Com uma chaga no braço  
E outra no mocotó  
Procurando pelas furnas  
Rato, calangro, e mocó

O collega nesse marco  
Está imitando Pacheco  
O rio que elle diz ser grande  
E' da largura de um beco  
Só tem agua quando chove  
Passando a chuva está seco.

O leão eu fui ver elle  
Fez-me pena o desgraçado  
Velho sem nem mais um deute  
O couro todo pellado  
Passa-se por cima delle  
O pobre fica deitado.

Ora essa fortaleza  
Chegou mesmo de encommenda  
Em vez de ter commandante  
Homem instruido que entenda  
Botou mulher que só sabe  
Fiar cuzer fazer renda ?

Se o livro fosse maior  
O leitor tinha que ler  
A demarcação que eu fiz  
Para todo muudo ver  
Porem nesses poucos dias  
O povo pode obter.

O marco do velho Barros  
Ha de sahir um colosso  
Vou demarcar o Brazil  
Pegando de Matto Grosso  
Hei de fazer um trabalho  
Que só no tempo de moço.



Amazonas me pertence  
O Pará foi sempre meu  
Maranhão foi uma herança  
Que meu bisavô me deu  
Piauhy ganhei no jogo  
Quando Dão Pedro nasceu.

Ceará era um deserto  
Terra bruta sem defeza  
Eu fiz ella progredir  
Foi eu quem dei-lhe grandeza  
Tanto que ceube-lhe o nome  
De capital Fortaleza.

O Rio Grande do Norte  
Era do mundo esquecido  
Parahyba era aleijada  
Ja não tinha mais sentido  
Pernambuco inda vivia  
Porem muito esmorecido.

Maceió estava sem falla  
Magro amarello pançudo  
Bahia estava espremida  
Dentro de velho canudo  
Eu tive pena da quillo  
Dei a liberdade a tudo.

Salvei Espirito Santo  
Que já estava em decadencia  
Com mais um palmo de gato  
Punha termo a existencia  
Cheguei no Rio de Janeiro  
Dei-lhe o nome de excellencia.

São Paulo é como lá dizem  
Era uma pomba sem fé  
De porco lá nem o rasto  
De lavoura nem um pé  
Eu fui quem mandei plantar  
Milho, feijão e café.

Paraná estava maluco  
Desterro estava dormindo  
O Rio Grande do Sul  
Inda estava resistindo  
Minas, Goaz, Matto Grosso  
Muito fraco inda bulindo.

Eu gritei em Amazonas  
Em Matto Grosso se ouviu  
Dentro de cinco minutos  
Tudo cresceu e subiu  
Agora veja o leitor  
Quanto esse grito serviu.

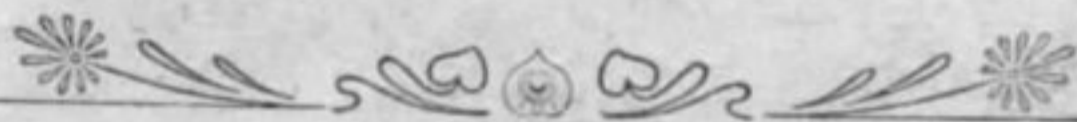
Nesses dias o leitor  
Ver o marco brasileiro  
Deixe ver se a crise abranda  
E aparece dinheiro  
Para eu apresentar  
Um trabalho verdadeiro.

No dia que eu fincar elle  
O mundo todo se turba  
Vá lá cinco mil poétas  
Que não ha um só que suba  
Do pilão do velho Barros  
Pinto, nunca comeu fuba.

Eu quero provar quem fui  
E mostrar quem inda sou  
Porque nó que eu tenho dado  
Nunca ninguém desatou  
Ainda estou orelhudo  
E aonde penetrar vou.

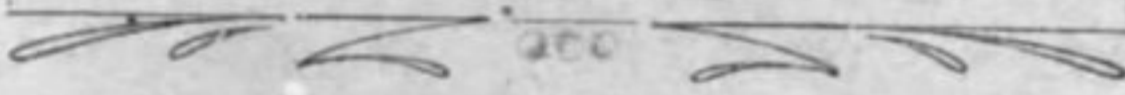
Medo não faz eu correr  
Perigo não me entimida  
A morte eu zombo com ella  
Me sento em cima da vida  
Quem se botar para mim  
Faz a viagem perdida.

6048



—Typ. da POPULAR EDITORA—

Rua da Republica 65—Parahyba



166